

A RAPARIGA-CORVO

Trilogia  
AS FACES DE VICTORIA BERGMAN

PRIMEIRA PARTE

# A RAPARIGA-CORVO

ERIK AXL SUND

Tradução de  
AGNETA ÖHRSTRÖM B.  
com a colaboração de Rita Chuva



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2014

*Em memória de uma irmã*

*«Obscura é a nossa vida. A nossa grande desilusão inata — que tantas fábulas faz florir nos bosques da Escandinávia — transforma tristemente a chama do nosso coração em carvão. Muitos são os que se tornam guardiães na carvoaria do próprio coração; nesta enfermidade sonhadora, apuram os ouvidos e escutam como ela queima, murmurando.»*

— HARRY MARTINSON, *Nässlorna blomma*

## A casa

tinha mais de cem anos e as sólidas paredes de pedra deviam ter mais de um metro de espessura, o que significava que, provavelmente, não seria necessário isolá-las, mas ela não queria correr riscos.

Do lado esquerdo da sala de estar havia um quarto pequeno, que fazia esquina e que ela, normalmente, utilizava como quarto de hóspedes e escritório. Uma casa de banho e um roupeiro espaçoso.

O quarto era perfeito, com uma única janela e um sótão vazio e abandonado por cima.

Já se acabara o tempo de desleixo e presunções.

Não iria deixar nada ao acaso. O imprevisto era um companheiro perigoso e traiçoeiro. Por vezes amigo, mas, muitas vezes, um inimigo imprevisível.

encostou

a mobília contra a parede, libertando um grande espaço no meio da sala.

Agora, era só esperar.

A primeira encomenda de placas de esferovite chegou, como combinado, às 10. Quatro homens. Três deles deviam ter os seus cinquenta anos, mas o quarto não teria mais de vinte. Tinha a cabeça rapada, uma *t-shirt* preta, no peito duas bandeiras nacionais cruzadas e o texto «A Minha Pátria» por baixo. Nos cotovelos tinha tatuagens de teias de aranha e, nos pulsos, mandara fazer motivos da Idade da Pedra.

Novamente só, começou a planear o seu trabalho, sentada no sofá. Resolveu começar com o soalho porque poderia causar problemas. O velho casal que vivia no andar de baixo era quase surdo e ela própria, durante estes anos todos, nunca os ouvira fazer barulho nenhum. Mas era um pormenor que não devia descuidar.

Levantou-se e foi para o quarto.

O rapazinho ainda estava a dormir profundamente.

Fora um momento estranho quando o encontrara no comboio. Levantando-se, ela dera-lhe simplesmente a mão e ele seguira-a, sem que ela lhe tivesse pedido nada.

Como se fosse predestinado que seria ele. Como uma evidência, como quando uma mulher tem um filho e compreende que ele é só dela.

Encontrara o aluno que sempre procurara e o filho que nunca pudera ter.

Pôs a mão na testa do menino e sentiu que a febre tinha baixado e que o pulso estava normal.

Estava tudo bem.

Encontrara a dose certa de morfina.

no escritório

havia uma alcatifa grossa e branca que sempre achara feia e insalubre, mas, apesar disso, agradável de pisar. Agora, passaria a ter mais uma função.

Com uma faca bem afiada, aparou as placas de esferovite e colou os bocados com uma espessa camada de cola especial.

Rapidamente, ficou com vertigens por causa do cheiro forte e foi obrigada a abrir a janela que dava para a rua. A janela tinha vidro triplo e ainda outro especial, para proteção do ruído exterior.

A coincidência como aliada.

Sorriu.

Este trabalho durou todo o dia. Ia ver o rapaz a intervalos regulares.

Depois de terminar o soalho todo, tapou as juntas com fita adesiva prateada.

Durante os três dias seguintes, recebeu mais material de construção e atacou as quatro paredes. Na sexta-feira, só lhe faltava o teto, que foi o mais demorado, porque teve de espalhar a cola na esferovite e depois segurar a placa contra o teto com a ajuda de tábuas de madeira.

Enquanto a cola secava, pendurou cobertores velhos na abertura das portas, que tinha retirado anteriormente. Encheu a passagem para a sala com quatro camadas de esferovite, o que foi o suficiente para tapar o buraco de quase meio metro de profundidade.

Pendurou um lençol velho em frente da janela e o parapeito recebeu uma camada dupla de isolamento, mais por uma questão de segurança. Depois de acabar tudo, revestiu as paredes com uma tela impermeável.

Havia algo de meditativo no trabalho e, quando no fim se sentou e observou a sua obra, sentiu-se bastante orgulhosa.

durante

a semana seguinte, aperfeiçoou a sala. Comprou quatro rodízios, revestidos de borracha, um gancho, dez metros de cabo elétrico, ripas de madeira, um candeeiro simples e uma embalagem de lâmpadas. Encomendou pesos, halteres e uma bicicleta estática.

Tirou todos os livros de uma das estantes da sala, deitou-a de lado e aparafusou um rodízio em cada canto. Fixou a ripa à frente, de forma a esconder as rodas, e colocou a estante em frente da porta que dava para o esconderijo.

Fixou a estante à porta e tentou abri-la.

A porta deslizou silenciosamente sobre os rodízios. Estava perfeito.

Aparafusou o gancho, fechou a porta à chave e colocou um candeeiro a esconder a fechadura improvisada.

Para concluir, colocou novamente os livros na estante e foi buscar um colchão fino de uma das duas camas do quarto.

Ao fim da tarde, levou o rapaz, ainda adormecido, para o local que seria a sua nova casa.

## Subúrbio de Gamla Enskede

O que era estranho não era o facto de o jovem ter morrido, mas sim ter ficado com vida durante tanto tempo.

Os ferimentos eram tão extensos e tão graves, que a sua morte deveria ter chegado muito antes da hora preliminarmente fixada.

Mas algo o tinha mantido com vida. Uma pessoa normal teria desistido muito antes.

Jeanette Kihlberg, detetive da polícia, ignorava tudo isto quando saiu da garagem em marcha atrás.

Mais, ignorava por completo que este caso seria o primeiro de uma série de acontecimentos que teriam uma influência decisiva na sua vida.

Acenou a Åke, que avistou à janela da cozinha, mas ele não a viu, estava ao telefone.

Ele passaria parte da manhã a separar e a lavar uma grande quantidade de camisolas transpiradas, meias cheias de lama e roupa interior suja. Todas as semanas era a mesma coisa. O facto de ter uma mulher e um filho doidos por futebol levava a este resultado. Fazia parte dos seus deveres domésticos martirizar, quase até à exaustão, a velha máquina de lavar, pondo-a a funcionar, pelo menos, cinco vezes por semana.

Ela sabia que, enquanto ele ficava à espera que a máquina acabasse de lavar, iria para o pequeno ateliê que tinham montado no sótão, para continuar o trabalho sem fim numa das suas muitas telas inacabadas. Ele era um romântico, um sonhador — tinha muita dificuldade em acabar um trabalho uma vez começado. Quantas vezes Jeanette lhe tinha dito para contactar alguns dos galeristas que tinham mostrado interesse nos seus trabalhos, mas ele respondia sempre que ainda não. Que ainda não, mas que já faltava pouco.

E, então, tudo seria diferente.

Ele seria descoberto e ficariam ricos, poderiam, finalmente, fazer tudo o que tinham sonhado.

Fazer obras na casa, viajar para onde quisessem.

Já lá iam vinte anos, ela começava a duvidar de que isso alguma vez acontecesse.

Ao fazer a curva na Nynäsvägen, ouviu um ruído inquietante vindo da roda da frente do lado esquerdo.

Apesar de ser analfabeta relativamente a pormenores técnicos, percebeu que o velho *Audi* tinha um problema e que seria obrigada a pô-lo, novamente, na oficina. A experiência já a ensinara que estas coisas não eram de graça, embora a oficina do sérvio, na Bolidenplan, fosse boa e barata.

No dia anterior, esvaziara a conta-poupança para pagar o mais recente aviso de amortização da casa, que aparecia a cada quadrimestre com uma pontualidade sádica. Esperava que o sérvio a deixasse pagar em prestações. Não seria a primeira vez.

O telemóvel vibrou com força no bolso do blusão. A *Nona* de Beethoven fez com que Jeanette quase sáisse da estrada e subisse o passeio.

— Estou, daqui fala Kihlberg.

— Olá, Janne, temos uma cena na Thorildsplan. — Era a voz do colega Jens Hurtig. — Temos de lá ir já. Onde estás? — Um som estridente vindo do telefone obrigou-a a segurá-lo longe do ouvido.

Odiava que lhe chamassem Janne. Começava a ficar irritada. A alcuinha nascera de uma brincadeira numa festa do pessoal há três anos, mas já toda a polícia no Kungsholmen a adotara.

— Estou em Årsta a caminho de Essingeleden. O que se passa?

— Encontraram um tipo morto nuns arbustos junto ao metro, perto da universidade, e Billing quer que lá vás o mais depressa possível. Estava superexcitado. Parece que houve um homicídio.

Jeanette Kihlberg ouviu o barulho vindo da roda a aumentar e começou a pensar que teria mesmo de encostar, chamar o reboque e depois arranjar boleia.

— Estou lá dentro de cinco ou dez minutos, se esta merda de carro não se desfizer, e quero que tu também vás. — O carro guinou e, por uma questão de segurança, Jeanette meteu-se pela direita.

— Claro, saio já, devo lá chegar antes de ti.

Hurtig pousou o auscultador e Jeanette pôs o telemóvel no bolso do blusão.

Um rapaz morto largado nuns arbustos; na cabeça de Jeanette, soava a maus-tratos e, por conseguinte, seria considerado homicídio.

Homicídio, pensou, e sentiu o volante a tremer, é uma mulher que é morta pelo marido ciumento depois de anunciar que quer o divórcio.

Em todo o caso, era o que acontecia normalmente.

Mas também era um facto que os tempos já não eram os mesmos, o que ela tinha aprendido na Academia já não era atual, sendo mesmo, por vezes, inexato. Os métodos operacionais tinham mudado e o trabalho policial era, em muitos aspetos, mais difícil do que há vinte anos.

Jeanette lembrava-se dos seus primeiros tempos na rua, a patrulhar, e da proximidade que havia com as pessoas normais. Como os cidadãos ajudavam e ainda tinham confiança nos polícias. Hoje em dia, as pessoas só declaram um roubo porque as companhias de seguros assim o exigem, não porque esperem que o crime seja resolvido.

Pensou em quais teriam sido as suas expetativas quando deixara os estudos de sociologia, tendo decidido seguir a carreira de polícia. Fazer a diferença? Ajudar? Foi o que disse ao seu pai no dia em que, orgulhosamente, mostrou a carta de admissão. Sim, era isso. Ela queria fazer a diferença entre os que sofrem e os que fazem sofrer.

Ela queria ser uma pessoa real.

E ser polícia era isso mesmo.

Durante toda a sua infância, tinha escutado, atentamente, as histórias de trabalho que o pai e o avô, ambos polícias, contavam, tanto na noite de São João como na Sexta-Feira Santa.

As conversas passavam por assaltos à mão armada impiedosos, criminosos simpáticos ou impostores inteligentes. Memórias e episódios do lado obscuro da existência humana.

O cheiro da comida tradicional do Natal fundia-se com o murmúrio das vozes destes homens na sala de jantar, e ela sentia-se em segurança.

Sorriu ao lembrar-se da falta de interesse e incredulidade do avô nas novas tecnologias. Hoje em dia, já não se utilizavam algemas, tinham sido substituídas por tiras de plástico, para simplificar o trabalho. Uma vez, até tinha dito que as análises ao ADN era apenas uma moda que iria passar depressa.

A profissão de polícia era algo de importante, pensava, não um trabalho qualquer. Os métodos de trabalho tinham de se adaptar às mudanças na sociedade.

Ser polícia é querer ajudar, ter empatia. Não é só ficar sentado, a olhar com desespero e impotência por detrás de vidros escuros num carro blindado.

# Metro de Thorildsplan

A especialidade de Ivo Andrić era justamente este tipo de mortes, únicas e extremas. Era originário da Bósnia, fora médico em Sarajevo durante a ocupação sérvia de quase quatro longos anos, o que lhe tinha dado uma experiência tão sólida com crianças mortas que, às vezes, desejava não ter escolhido ser médico-legista.

Em Sarajevo, morreram quase duas mil crianças com menos de catorze anos, duas das quais as suas próprias filhas. Às vezes, pensava em como teria sido a sua vida se tivesse ficado na sua aldeia, perto de Prozor. Agora, já era tarde para ter estes pensamentos. Os sérvios tinham incendiado a quinta da família, morto os seus pais e três irmãos.

O Departamento Criminal da Polícia de Estocolmo mandara chamá-lo muito cedo, nessa manhã. Era necessário trabalhar depressa, porque não queriam vedar, mais do que o estritamente necessário, um local tão perto da estação de metro.

Ao aproximar-se da cara do rapaz morto, notou que este tinha feições estrangeiras. Árabe, palestinião, talvez até indiano ou paquistanês.

Não havia dúvidas de que tinha sido muito maltratado, mas, o mais estranho, era não haver lesões de defesa. Todos os hematomas e contusões lembravam mais os de um pugilista. Um pugilista que não tinha sabido defender-se, mas que, mesmo assim, fizera os 12 *rounds*, apanhando tanto que acabara por perder a consciência.

A investigação no local fora ainda mais dificultada pelo facto de a morte não se ter dado aí, mas noutra sítio e muito antes.

O corpo estava nuns arbustos e relativamente visível, só a alguns passos da entrada do metro de Thorildsplan, no bairro de Kungsholmen, e, por isso, não poderia ter ficado por descobrir durante muito tempo.

# O aeroporto

era tão cinzento quanto aquela manhã de inverno. A Air China depositara-o num país cuja existência ignorava. Sabia que centenas de crianças haviam feito a mesma viagem antes dele. Como elas, tinha uma história bem memorizada para contar ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Sem hesitar sequer por um instante, relatou a história que decorara na perfeição.

Durante a construção dos enormes estádios para os Jogos Olímpicos, trabalhara como ajudante de pedreiro. Carregara tijolos e cimento. Um dos seus tios, um trabalhador pobre, ajudara-o a encontrar onde dormir. Mas, quando o tio tivera um acidente, indo parar ao hospital, já não havia ninguém para cuidar dele. Os pais tinham morrido e não havia irmãos nem outros familiares em quem se apoiar.

Durante o interrogatório feito pelo SEF, contou a forma como ele e o tio tinham sido tratados como escravos e acrescentou que as condições de trabalho poderiam ser comparadas às do *apartheid*. Como trabalhara durante cinco meses sem sequer ter a esperança de, um dia, ter o estatuto de cidadão naquela cidade.

Na sua pequena aldeia, estava domiciliado segundo o antiquado sistema Hukou, por isso, quando foi para longe, para a cidade onde estivera a trabalhar e a viver, não tinha praticamente direitos nenhuns.

Portanto, fora obrigado a ir para a Suécia, onde viviam os únicos familiares que lhe restavam. Não sabia onde, mas, segundo o tio, entrariam em contacto assim que ele chegasse.

Entrou no seu novo país sem pertences. Só tinha a roupa que trazia vestida, um telemóvel e cinquenta dólares americanos.

Não existiam números memorizados no telefone, nem havia mensagens de texto ou fotografias que pudessem desvendar alguma coisa sobre o seu dono.

O telefone era, de facto, novo e não mostrava sinais de uso.

Mas ele não contou aos polícias que tinha um número de telefone, escrito num bocado de papel, que escondera no sapato esquerdo.

Um número para o qual deveria ligar, depois de conseguir fugir do campo de internamento de refugiados.

o país

onde se encontrava não tinha nada em comum com a China. Tudo era limpo e vazio. Depois do interrogatório, foi acompanhado por dois polícias pelos corredores desertos do aeroporto e perguntou-se se era assim a Europa.

O homem que criara o seu *background*, que lhe dera o número de telefone, o dinheiro e o telemóvel, contara que, durante os últimos quatro anos, tinha mandado, com sucesso, mais de setenta crianças para várias partes da Europa.

Dissera que a maioria dos contactos estava num país de nome Bélgica, onde havia muito dinheiro para ganhar. O trabalho consistia em servir pessoas ricas e, se fosse discreto e cumpridor, teria a possibilidade de enriquecer. Mas a Bélgica era um destino arriscado, não se podia dar nas vistas. Nunca ir para rua.

A Suécia era mais segura. Ali, trabalhava-se mais nos restaurantes e era possível movimentar-se mais livremente. Não se era tão bem pago, mas, com sorte, também seria possível ganhar muito dinheiro, dependendo do tipo de serviços que existissem no momento.

Havia pessoas na Suécia que queriam a mesma coisa que certas pessoas na Bélgica.

o campo de internamento de refugiados

não era longe do aeroporto e foi levado até lá num carro de polícia descaracterizado. Passou lá a noite e partilhou o quarto com um rapaz negro, que não falava chinês nem inglês.

O colchão onde dormira era limpo, mas cheirava a mofo.

Já no segundo dia, ligou para o número escrito no papel e uma voz de mulher explicou como fazer para ir até à estação e apanhar o comboio para Estocolmo. Uma vez lá, deveria ligar novamente para receber mais instruções.

o comboio

era quente e agradável. Transportara-o rápida e silenciosamente através de uma paisagem onde tudo era branco por causa da neve. Mas,

fosse o acaso ou o destino a decidirem diferentemente, ele nunca chegaria à estação de Estocolmo Central. Depois de algumas paragens, uma mulher loira e bonita sentou-se do banco em frente do seu. Olhou-o longamente e ele percebeu que ela sabia que ele estava só. Não só no comboio, mas no mundo inteiro. Na paragem a seguir, ela levantou-se e deu-lhe a mão. Com um aceno de cabeça, indicou a saída, e ele não protestou. Era como se um anjo o tivesse tocado e ele seguiu-a, como que em transe. Apanharam um táxi que atravessou as ruas da cidade. Ele notou que era rodeada de água e achou-a bonita. Não havia tanto trânsito como em casa. A cidade era mais limpa e o ar, possivelmente, mais fácil de respirar. Pensou no acaso, no destino, e perguntou-se, por um momento, por que razão estava ali, sentado com ela. Mas, quando ela virou a cara e sorriu para ele, parou de refletir.

Na China, costumavam perguntar-lhe o que sabia fazer e apertavam-lhe os braços para ver se tinha forças suficientes. Faziam perguntas, que ele fingia compreender.

Duvidavam sempre. Mas, mesmo assim, por vezes era escolhido.

E ela escolhera-o, sem lhe pedir para fazer nada, e isso nunca ninguém tinha feito por ele.

o quarto

para onde ela o levou estava decorado em tons de branco e tinha uma cama grande e larga.

Ela deitou-o e deu-lhe algo quente a beber. Quase sabia a um chá lá de casa e ele adormeceu, mesmo antes de acabar tudo o que estava na chávena.

Quando acordou, não fazia ideia de quanto tempo tinha dormido, mas notou que estava num quarto diferente. O novo quarto não tinha janelas e estava coberto por plástico.

Quando se levantou para ir até a porta, notou que o chão era mole e cedia debaixo dos seus passos. Tentou abrir a porta, mas estava fechada à chave.

A roupa e o telefone tinham desaparecido.

Nu, voltou para o colchão e adormeceu novamente.

Este era o quarto que seria o seu novo mundo.

# Metro de Thorildsplan

Jeanette sentiu o volante a puxar para a direita. O carro parecia andar atravessado na estrada. Nos últimos quilómetros, não ultrapassara os sessenta quilómetros por hora e, quando chegou a Drottningholmsvägen e virou em direção à estação do metro, começou a ficar convencida de que o carro, que já tinha quinze anos, estava a dar o berro. Estacionou e dirigiu-se ao local vedado. Avistou Hurtig. Era mais alto que os outros em, pelo menos, uma cabeça e sobressaía com o seu físico de escandinavo, loiro e forte, sem ser gordo.

Trabalhavam juntos há quase quatro anos e Jeanette, que tinha aprendido a compreender a sua linguagem corporal, notou que ele parecia preocupado.

Quase atormentado. Mas, quando a viu, pareceu aliviado e foi ao seu encontro, levantando a fita para a deixar passar.

— Estou a ver que o carro se aguentou — troçou. — Não sei como ainda consegues andar naquele chaço.

— Eu também não, mas, se me conseguires um aumento, vou já comprar um pequeno *Mercedes* descapotável para passear.

Que bom seria se Åke arranjasse um trabalho decente, com um salário decente. Assim, poderia comprar um carro decente, pensava, enquanto seguia Hurtig para o local delimitado.

— Há marcas de pneus? — perguntou a uma das duas técnicas, que estavam de cócoras no passeio.

— Sim, vários e diferentes — respondeu uma delas e olhou para Jeanette. — Penso que alguns são dos carros do lixo que esvaziam os caixotes. Mas há outros, mais estreitos.

Jeanette era, desde a sua chegada, a principal responsável, estando também formalmente a chefiar a investigação.

Naquela noite, informaria o seu superior, o comissário Dennis Billing, que, posteriormente, faria um relatório para o procurador Von Kwist. Os dois homens decidiriam, depois, qual o caminho a seguir, sem considerarem a opinião de Jeanette. Era esta a ordem a seguir. Jeanette virou-se para Hurtig.

— OK, então conta lá. Quem foi que o encontrou?

Hurtig encolheu os ombros.

— Não sabemos.

— Como não sabem?

— A Central de Emergências recebeu um telefonema anónimo há...

— ele olhou para o relógio — ... mais ou menos três horas, e o homem que telefonou disse que havia um rapaz morto ao lado da entrada para a estação do metro. Foi tudo.

— Mas a chamada ficou gravada?

— Claro.

— E porque passou tanto tempo até nos alertarem? — Jeanette sentiu uma ligeira irritação.

— Porque na central julgaram tratar-se de uma brincadeira. A pessoa que ligou parecia bêbeda, confusa e... que expressão usaram? Não parecia ser de confiança.

— Localizaram a chamada?

Hurtig revirou os olhos.

— Cartão pré-pago.

— Merda.

— Mas, dentro de pouco tempo, vamos saber de onde veio a chamada.

— Está bem, está bem. Podemos ouvi-la quando voltarmos à esquadra.

Jeanette foi perguntando aos polícias o que sabiam e se tinham encontrado alguma coisa com interesse.

— E testemunhas? Alguém viu ou ouviu alguma coisa? — Olhou impacientemente para os polícias subalternos, mas estes limitaram-se a abanar a cabeça.

— Alguém o trouxe para cá, de certeza — disse, com um desespero crescente. Sabia que o trabalho iria ser dificultado se não encontrassem indícios durante as próximas horas.

— É pouco provável que alguém ande de metro com um cadáver, mas, mesmo assim, quero cópias das filmagens das câmaras de vigilância.

Hurtig surgiu ao seu lado.

— Já pus alguém a tratar disto. Devemos tê-las esta noite.